



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM ANÚNCIO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE04912011GRC



Gaiato

Quinzenário • 7 de Abril de 2012 • Ano LXIX • N.º 1776 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Uma espada de dois gumes

A adolescência é uma fase conturbada e muito rica do desenvolvimento humano. Quantas vocações à família e radicais não vão despontando nesta fase da vida? Que o digam tantos que serviram e se entregam à Igreja e no mundo, até em situações difíceis.

Nos dias de hoje, a gente nova, em casa e na escola, dispõe de mais informação, nem sempre saudável, e é fã das redes sociais, que conduzem, por vezes, a condutas mais desafiadoras, no processo educativo. A sua expressão, contudo, é mais desconexa. Vamos escutando pais e professores que não têm respostas imediatas para questões exigentes, de sempre e deste tempo que se nos oferece viver.

Regras e proximidade não são perspectivas divergentes na educação da infância e juventude. Há que estabelecer limites de acção e tentar captar as manifestações boas dos adolescentes, com atenção e intenção. A paciência deve caminhar a par da firmeza, pois deixar passar alguns momentos sem intervenção imediata pode pagar-se caro.

Neste campo aberto e vulnerável, todas as ferramentas e autoridade que possam ser dadas aos educadores para debelar procedimentos disruptivos são sobremaneira vantajosas. O ensino não

deve estar desfasado da realidade laboral e cultural, senão até cerca dos 15 anos pode ser desmotivador e tornar-se como que um entretém. Não há currículos ideais, mas com tantas mudanças que não se vá perdendo o essencial da aprendizagem.

Entre nós, pois os casos humanos têm razões de sobra para crescer a instabilidade emocional, não estamos imunes a estas dificuldades. É fulcral dar e ter segurança nas famílias. Os problemas não se podem esconder, pois afloram a cada passo como nas panelas de pressão. Se os corpos crescem, pois o sustento não lhes vai faltando, evidentemente que a inteligência e a vontade nalguns adolescentes não estão sincronizadas com a altura. Os sinais de agressividade têm de encontrar balizas e árbitros, num trabalho de equipa que não acaba e nunca é perfeito.

Como os espaços são largos, não precisando de ir para a rua, ao entardecer, a garotada delira recriar-se às escondidas. A mentira é que é grave... Um resultado recente foi um choque frontal, fora da zona de jogo, entre o Rocha e o Aliú, ficando este com um olho à Camões. O Aquilino meteu-se na bola com crescidos e o Francisco desferiu-lhe um balázio, ficando aquele a choramingar tanto que se ouvia no alto da serra.

Nestes dias de proximidade da Paixão, mesmo organizados por grupos de trabalho, de vez em quando adregam de se confrontar, pois é tarefa árdua preparar lideranças. Para atenuar alguns desaguisados, até verbais, não

Continua na página 3

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

UMA necessidade de alguém levou-me à Urgência de um hospital. Enquanto aguardava atendimento, entrou uma mulher de cabeça coberta com ligaduras; cara, peito e braços ensanguentados. Precisava de ligar aos Bombeiros para a virem buscar, pois deixara em casa, com o seu agressor, dois filhos. Na sua aflição não pensava em si mas neles, suspeitando o perigo que corriam junto do homem que a maltratara.

Emprestei-lhe o telemóvel, mas as suas palavras não encontraram, naquele com quem falava, uma correspondência em sintonia com os seus sentimentos, ficando obrigada a permanecer no hospital, até que lhe dessem alta.

Vivemos, nestes dias, a Celebração Maior e mais festiva da Vida — a Páscoa de Jesus Cristo. Quantas aflições e sofrimentos até chegar a Ela?! Naqueles momentos de extrema dor, sem pensar em Si, antes nos Seus, pediu ao Pai para que a fé deles não desfalecesse.

O que nos faz pensar, preocupar e centrar nos outros é o amor que lhes temos. Como Jesus Cristo, assim aquela mulher — para que os seus filhinhos não fossem levados à perdição.

Hoje, muitas pessoas vêm a sua vida ameaçada ou mesmo perdida. Expulsas de suas casas por as não poderem pagar, sem água ou energia eléctrica, nelas, pelas mesmas razões, com a despenha vazia e uma vergonha imensa da situação em que caíram, são alguns motivos que nos falam da paixão e morte que lhes inundou a vida por obra de um pecado que é de muitos, e da sociedade a que pertencem, no seu conjunto.

Esta falta de pão vem da incompreensão de que *nem só de pão vive o homem*; de outro modo chegaria para todos. São as consciências envoltas em densas trevas que não recebem a Luz da Páscoa, a qual brilha somente para quem se deixa morrer no amor que A fez nascer.

Naquele Dia, não estalaram foguetes nem houve outras manifestações exteriores de festa. Unicamente a admiração, o espanto de ver confirmadas as verdades já sabidas, mas nunca experimentadas. Ao amargo da dor que a fé não dissipa, sucedeu o silêncio feliz que as palavras não sabem traduzir.

Emprestei o telemóvel àquela pobre mulher; mas muito mais do que isso, ela precisava que alguém a acudisse emprestando-lhe a vida. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ESTA quinzena, como tantas, foi farta de episódios tristes e dolorosos, impossíveis de descrever.

Verdadeiramente parece caminhar para um abismo sem fundo, onde a única esperança é a Misericórdia Divina.

Era uma figura alta, avantajada de corpo e de aspecto desmazelado. Vi-a ao longe e logo o meu primeiro instinto foi arrepiar caminho e desviar-me. A minha fé avivou o compromisso que me chamou. — Não! Vou aproximar-me!

É uma graça, nunca demais agradecida, esta força interior que nos põe no caminho.

— Eu queria falar com o padre.

Os meus olhos fixaram-se nela e a proximidade revelou-lhe a presença da pessoa procurada.

— É o senhor?

— Sim. Eu é que sou o padre, o que me deseja?

Dentro de umas profundas e negras olheiras, os seus olhos abriram-se, desenrolou uns papéis e começou a falar.

— Oh mulher! Então vem assim para esta Casa? Isto é uma Casa de Rapazes. A gente deve vir composta.

Ela estremeceu, começou iustintivamente a puxar o curto casaco de malha cinzento para cima dos avantajados e descaídos peitos, pediu desculpa e disse que nunca mais.

— Se não tem roupa, nós temos aí. Vá ter com a Senhora, mas não se apresente assim.

Pobre mulher, fez nascer dentro de mim uma mágoa imensa que me envolveu. Os cabelos compridos cobriam-lhe as costas, maltratados e mal cheirosos. Uma obesidade média que notava

o desequilíbrio alimentar e um profundo sofrimento escondido.

— Tenho quatro filhos. A Senhora da Casa já me conhece. Venho aqui muitas vezes. Tenho um pedido na Câmara para uma casa. Recebo o rendimento mínimo. O pai dos meus filhos dava-me muita porrada. Tive de o deixar, senão ele matava-nos com a bebedeira. Tenho três meses de renda de casa em dívida e o senhorio veio ameaçar-me: «Ao menos um mês».

Não é fácil levar-me. Não. Os anos são muitos a lidar com casos semelhantes, e o discernimento acumulado traduz-se nalguma sabedoria que experimento nestas ocasiões.

— Já me tentei matar. Estive internada no hospital e esta gordura é fruto da medicação.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

PÁSCOA — Os nossos rapazes são convidados a fazer uma reflexão individual para se preparem para receber a Jesus Ressuscitado, e os «Batatinhas»: Gibril, Júnior, Sabino e o Carlinhos, juntamente com dois rapazes da casa 3 de cima, o Inalio e o Thierry, estão a receber preparação do nosso Padre Júlio para o seu Baptismo na Vigília Pascal.

BATATINHAS — Os «Batatinhas» apesar de terem entrado de férias, trouxeram muitas fichas escolares e compatibilizam-nas com os trabalhos da nossa Aldeia e com os ensaios para as Festas — e realizam isto tudo sempre bem-dispostos.

CARPINTARIA — As mesinhas de cabeceira para a casa 4 estão prontas. Foram reaproveitadas a partir de mesinhas antigas. Neste momento, está em execução o forro, feito de madeira de cedro que já existia, para o tecto do sótão da mesma casa.

AGROPECUÁRIA — Algumas das nossas vacas estão prenhes, o que indica que daqui algumas semanas, ou meses, haverá novas vidas a embelezar a nossa vacaria.

Aproveitámos alguns dos rapazes, que já se encontram de férias, para, juntamente com o «Meno», reforçarem os campos com a segunda fase da sementeira da batata.

A estufa está recheada de cebolo, salsa, pimentos, pepinos, cenouras, couve galega, coentros, repolhos, morangos, lúcia-lima e algumas ervas aromáticas, tais como, oregãos, tomilho, cidreira, hipericão do Gerês, que já penetram a superfície e alfices que estão prontas para serem recolhidas.

Por fim, na nossa magnífica horta está repleta de: alface, ervilhas, alhos, pencas, tomates, agriões, couve nabiça, rosmaninho, que estão em crescimento e várias castas de maracujá — um bom trabalho do João.

Zé Reis

ESCOLA — Com o final do árduo segundo período, os rapazes entraram de férias. Os resultados de alguns foram positivamente surpreendidos.

Os do 9º ano e os do secundário estão a preparar os exames que se avizinharam; no entanto, alguns rapazes que estão nos cursos encontram-se ainda em estágio.

DONATIVO — No passado sábado recebemos um inesperado donativo de pão. A pouca quantidade de pão que temos recebido e a necessidade de pão às refeições, levou-nos a começar a fazer o nosso pão no forno.

Wilson

DESPORTO — Depois de duas derrotas consecutivas, voltámos às vitórias. Desta vez, recebemos e vencemos os Juniores do F. C. Alpendorada, terceiros, na respectiva classificação da A. F. Porto.

Um jogo com 14 golos e para todos os gostos. Para a equipa da Casa 9; para o Alpendorada 6. Foram duas partes distintas.

A primeira, com o «velho» Rogério a fazer dupla no eixo da defesa com o incansável Nelson e a capitanear a equipa, bem como a fazer o que tem que ser feito: jogar e colocar os colegas a fazer o mesmo.

A segunda parte, já sem ele e mais alguns, foi... para esquecer. Quando a gente julga que tem sempre razão e pensa que pode fazer o que quer... está tudo estragado. Foi o caso!

Não é difícil alterar isto ou aquilo, mas mudar mentalidades..., é muito complicado! Não podemos nem devemos convencer-nos de que somos os maiores. Com humildade e sem pretensiosismos, alcançaremos sempre o nosso lugar!

O homem do jogo, pelo que fez e pelos golos que marcou, não é favor nenhum, se elegermos o André «Garnisé» que, só à sua conta, marcou 6; Hugo (1), um verdadeiro guerreiro dentro das quatro linhas; Joaquina (1) e António Pedro (1) o seu primeiro golo.

Um jogo disputado, quase todo ele, debaixo de chuva o que dificultou, e de que maneira, a prática de um futebol bonito. Mesmo assim, os nossos Rapazes provaram que não é difícil jogar, se houver união, como foi o caso nos primeiros 45 minutos.

Uma semana depois, deslocámo-nos a casa do Atlético Clube da Croca (Penafiel), para mais um jogo, e que jogo!

Há jogos, em que perdemos e não nos queixamos da arbitragem, mas desta vez não é possível fechar os olhos.

O jogo, já por si, não foi fácil, mas com um trio de arbitragem deste calibre, cuidado!, não há paciência que resista.

Sofremos o primeiro golo de grande penalidade; o segundo, sem ser golo, longe de ultrapassar a linha. Os nossos Rapazes iam perdendo a calma! No entanto, como eles não são daqueles de atirar a toalha ao chão, foram resistindo até que, André «Garnisé» que passou o jogo todo a protestar, e não pode voltar a acontecer, conseguiu reduzir para 2-1.

O nosso segundo golo, que fixou o resultado final em 2-2, foi marcado pelo «sabichão» André «Espanhol» que, saltou do banco, para cometer essa proeza.

Um jogo longe de ser bonito, por culpa de todos os seus intervenientes, principalmente da equipa de arbitragem.

À margem do jogo, fomos excelentemente bem recebidos por toda a gente, especialmente pelos presidente e vice-presidente.

No final do jogo, foi-nos oferecida uma merenda, para juntarmos à que já tínhamos levado de Casa.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

FÉRIAS ESCOLARES — Nas duas semanas antes da Páscoa deste ano, houve férias escolares que, em parte, foram aproveitadas para fazer os trabalhos de casa (1.º Ciclo) e várias actividades na nossa Casa. Assim, além das obrigações, no início, arrumámos lenha e telhas, de S. João da Madeira, que agradecemos. Vários Rapazes puderam visitar parentes seus.

80 ANOS DA SOPA DOS POBRES — Como não podia deixar

de ser, nesta Família, foi lembrado o dia 19 de Março de 1932, festa de S. José. De facto, há 80 anos, o nosso Pai (Padre) Américo recebeu do seu Bispo, de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva (natural de Bustelo, Penafiel) a missão da *Sopa dos Pobres*, na rua da Matemática, nessa cidade. É um dia importante para a nossa Obra, que tem aí as suas raízes!

CONSULTAS — Todos os Rapazes são acompanhados nas consul-

tas que lhes são marcadas, desde o Centro de Saúde aos Hospitais de Coimbra (HUC, Medicina Dentária e Pediátrico). Agradecemos muito o carinho que têm por nós!

AGROPECUÁRIA — Alguns Rapazes têm a obrigação de ajudar a tratar os animais (porcos, galinhas, gansos, ovelhas). Os terrenos onde cresce a aveia bem precisam de chuva. Foi contratada uma máquina retroescavadora para arranjar a encosta da terra nova. As pedras que estavam nos terrenos de baixa foram arrumadas e arrancadas raízes de canas. Tirámos estrume. Arranjaram-se os jardins. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«**ABRAÃO VIU O MEU DIA**» — Outra vez o Evangelho quotidiano como mote para esta crónica. Hoje é aquele diálogo entre Jesus e os Judeus onde lhes diz a certa altura: «Abraão, vosso pai, exultou pensando em ver o meu dia: viu-o e ficou feliz.» (João 8, 56).

Os Judeus não viram Jesus como Deus. Quantas e quantas vezes nós passamos por Ele na nossa vida e também não O vemos e não O ouvimos. Quantas e quantas vezes nos pomos a fazer raciocínios para justificar não O vemos e não O ouvimos. Somos interpelados para ajudar esta ou aquela pessoa, esta ou aquela instituição, este ou aquele projecto e arranjamos desculpas para passar ao lado e fazer de conta.

Deus não passa por todas as pessoas, por todas as instituições e por todos os projectos da maneira que nós pensamos, ou queremos que deva passar, mas, de certeza, que nos inter-

pela em tudo e em todos. O problema é que nos interpela quando não estávamos à espera disso e de maneiras que também não estávamos à espera. Ora como temos ideias formatadas sobre onde Ele deve estar e como deve estar, muitas vezes não O vemos quando Ele está mesmo ali à nossa beira. Por isso, temos de sair do nosso «sítio» e ir, temos de sair das nossas ideias feitas e ir, temos de ter o nosso coração aberto a esses encontros inesperados para O conseguirmos ver e ir ao Seu encontro. Foi isso que Abraão fez tão bem. Era isso que Jesus estava a querer explicar neste diálogo com os Judeus, mas eles não conseguiram vê-lo nem ouvi-lo.

O que há de mais essencial no Ser Vicentino tem que ser, fazer isto que Abraão soube fazer: ter a alma aberta às interpelações que Deus nos faz todos os dias nos sítios e das formas mais inesperadas, sem termos a nossa vista e o nosso coração tolda-

dos com ideias feitas sobre como é que Ele deve ser e nos deve aparecer, mas para O ver não basta isto. É preciso também sair do nosso sítio para responder a essa interpelação e ir. É preciso não mandar dizer pelos outros, não mandar os outros fazerem em nossa vez o que temos que ser nós a fazer. Por isso, temos que ir nós mesmos, com todas as nossas limitações e com todos os nossos pecados, mas temos que ir.

Que a Páscoa seja momento forte para todos caminharmos no sentido desta conversão, nunca acabada, que nos torne capazes de saber ver Deus onde Ele nos interpela e de Lhe saber responder, como Ele nos pede.

Os nossos contactos:
Conferência de Paço de Sousa,
A/C Jornal O Gaiato,
4560-373 Paço de Sousa
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt
Telem.: 965464058 □

PÁSCOA DO SENHOR

Padre João

HÁ mais um motivo de alegria para celebrar a sempre jubilosa Festa da Páscoa do Senhor!

A celebração dos 50 anos da abertura do Concílio Vaticano II.

Não é uma ocorrência a que possamos ficar indiferentes, esta data, para a vivência de uma Páscoa mais piedosa e profunda.

Era ainda menino e, cedo, ouvi falar da Semana Santa do Sardoal, de longa tradição. Tudo começava com a Procissão dos Passos. Tinha grande fama pelas redondezas daquele Alto Ribatejo... Os sermões, as procissões, as figuras alegóricas, as capelas revestidas de roxo, as ruas atapetadas de rosmaninho e alecrim, configuravam um cenário marcado pelo sagrado de forma pungente, fazendo daquela Vila, uma memória da longínqua Jerusalém, naqueles dias.

E a Páscoa o que era? O Domingo! Não havia Tríduo Pascal ainda... A Missa solene, com sermão e pregador de «encomenda». Comunhão Geral e desobriga anotada nos livros de rol, de registo paroquial.

A procissão da Ressurreição do Senhor ao toque repicado

dos sinos era o ápice. À frente, o estandarte do Senhor Ressuscitado... Tapetes de flores, de todas as cores, colhidas nos campos de uma Primavera ainda «certinha»... Mergulhado no meio do Povo ia o Senhor, guardado em radiosa custódia, constantemente perfumada por nuvens de incenso emanadas dos turíbulo.

Nas varandas das casas e das janelas pendiam colchas antigas, artisticamente tecidas em tear manual, e toalhas de linho com bordados alusivos aos Mistérios da Páscoa, religiosamente, umas e outras, guardadas em grandes arcões, ao longo do ano na expectativa da Páscoa. Crianças, muitas crianças então, juncavam o caminho com pétalas à frente do pálio...: «É o Senhor que passa...!» — reservava sentida e piedosamente. Era a Páscoa do Senhor! Depois de um longo percurso percorrido, era o regresso à Igreja enquanto se entoava o «Cantemos a Jesus sacramentado». Homens, mulheres e crianças — uma aldeia «em peso»! A procissão terminava com o «Tantum Ergo», hino eucarístico que toda a gente aprendera e cantava desde o «leite materno». Nem

sempre as concordâncias devidas ou as notas harmoniosas... Mas, o coração da fé, esse estava ali, ardoroso e apaixonado, em unísono e comovente. O Senhor da Galileia, das «galilias» do mundo, estava abençoando e sorrindo para todos, segredando intimamente: «Eu estava morto e agora vivo para sempre e tenho as chaves da morte e do abismo...». Era a Páscoa da aldeia, no seu melhor!

O Concílio Vaticano II, com a «Sacrosantum Concillium» constituiu uma «revolução copernicana» na vivência litúrgica destes Mistérios da Fé pascal. E, sem se ter perdido esta mística que alimentou gerações longas de crentes e de santos. Hoje, a compreensão e a oportunidade de uma maior e mais radical vivência da Fé, é também um dom pascal adquirido. Foi essa maravilhosa intuição do «Bom Papa» João XXIII e dos Papas que se lhe seguiram até hoje. Continuamos na nossa caminhada pascal a encontrar o Senhor nos caminhos atapetados da vida, sem perder, contudo, o «tino» que nos conduz à nascente donde brota a Água Viva: A Cruz do Senhor! □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

OS planos de Deus são sempre diferentes do que nós podemos fazer a pensar que se vai no caminho certo. Com a crise em Portugal e Espanha, este ano nada pudemos receber, ainda, das respectivas Cooperativas. Milagrosamente todos os serviços da *Fundação Encontro* estão activos. Tudo o que são lojas e oficinas, *ateliers* de costura e artesanato dão o seu pequeno rendimento e cobrem os salários de cento e tantas pessoas ali a trabalhar.

Já nas Creches, que têm educadoras de infância licenciadas na Universidade Pedagógica e mil e quatrocentas crianças a alimentar todos os dias, o problema é diferente. No ano passado saíram duas Monitoras, para a Escola Portuguesa e uma Escolinha particular, na cidade. Neste, o Ministério veio buscar mais quatro. Quer instituir jardins de infância.

Elas tinham sido formadas para nós, com ajudas recebidas de Espanha, e para que possamos continuar a formar outras, nada recebemos em troca. É apoderar-se do trabalho dos outros. Apesar de tudo sentimo-nos contentes por elas, que vão ser formadoras a nível universitário de muitas outras, com a vantagem da prática psicopedagógica aqui aprendida, que igual ninguém tem.

A população das Aldeias, perante o problema financeiro, se propôs cotizar todos os meses. Na Massaca tem sido diferente. Ali, onde há mais de quinhentas casas tipo Património dos Pobres, com terreno e tudo legalizado, onde desfrutam do melhor Posto de Saúde rural, de assistência materno infantil, de um Laboratório de bom leque de análises, de uma belíssima casa com três salas para atendimento individual aos

portadores de sida e uma grande para reuniões de formação para agentes comunitários, de salas para ensino nocturno, para quem nunca tenha ido à escola, donde já saíram alguns com exame da sétima e de idade avançada. Onde temos quinze casinhas para idosos, com quarto, sala, cozinha e banheiro, onde podem, portanto, desfrutar de bem-estar que outros, até na cidade, não alcançam. Digo, na Massaca, tem sido difícil chegar a acordo com a população para apoiar com um mínimo de cinquenta meticais por mês, equivalente a dois dólares, a sua Creche, para bebés ou desnutridos, de meses aos cinco anos. Nem as estruturas da Aldeia, nem do partido se têm interessado. Os familiares que vêm às reuniões nem a um quinto corresponde.

Por nossa Casa, feitas bem as contas, com professores a pagar, refeições de farinha ou arroz com carapau ou um cheirinho de carne, escondida num molho de tomate

e cebola, fruta uma vez ou outra, quando não há do pomar, chá ou leite de soja e meio pão pela manhã, tratamento de roupa e saúde, cada rapaz fica por menos que qualquer maço de cigarros em Portugal, aqui cem meticais, por dia.

Cartas às empresas, a resposta mais rápida foi negativa. De outras, esperamos, pois que nos pediram coisas concretas. É mesmo o que não falta aqui em Casa. Até Deus é concreto. De porta em porta vem logo a resposta. Era o que Pai Américo fazia pelas ruas de Coimbra, no tempo da *Sopa dos Pobres*.

Três caixas de banana, por semana, dez mil meticais, para ajuda da energia, uma caixa de carapau, uma garrafa de 45 kg de gás. Trezentos litros de gasóleo, de quem este ano já nos deu três mil e quinhentos. Isto sem chegar à cidade.

Vinte oito mil e quinhentos meticais, do padrinho do nosso Comis-

sário. É mesmo o nome dele. Quarenta e cinco quilos de leite em pó dum supermercado. Cem euros, da Isabelinha, a filha do Barros, que Pai Américo mandou para cá. Há que anos nos não víamos! Uma inesperada nota de cem meticais quando precisava de sair para a cidade e não tinha nem para a portagem. Foi do Justino que anda no 3º de Agronomia. Da *Cruzada por los Niños*, dez mil euros para uma carrada de toros de madeira, mais 1.700 para despesas. Mais quarenta sacos de arroz, de um membro da *Associação Casa do Gaiato de Maputo*, uma vez que quem oferecia, há vários anos, só pode dar de dois em dois meses. Um enternecido bem-haja a todos os que estavam à espera que a gente aparecesse, porque não nos conhecem, aos rapazes. «*Tudo o que fizerdes ao mais pequenino dos meus irmãos é a Mim que fazeis*», isso eles sabem. Quanto a nós, que levamos a Cruz, é tempo de Via Sacra e vamos continuá-la. □

SINAIS

Padre Telmo

O crime e o sonho

TRIM-TRIM... Peguei o telefone e li a mensagem: «Parabéns!, seu número foi premiado pelo concurso Coca-Cola com 990000 libras. Mande seu nome e direcção. Vai o nosso número na *internet*, para poder resgatar».

Padre Rafael sorriu — brincadeira — disse. Mas eu, longe de telemóveis e *internet*, comecei a sonhar. Uma brisa leve brincava com as folhagens e, embaçado, fui com ela.

Daria uma ajuda ao padre Zé Maria, em Maputo; ao Padre Manuel, em Benguela; ao Padre Acílio, para o Património... Depois aterrei na nossa Casa de Malanje — 130 órfãos ou filhos de famílias destruídas; a compra de dois tractores; pagamento da carrinha que nos concederam a prestações; um autocarro para o transporte dos nossos estudantes; reparação dos nossos telhados e quartos de banho...

Suspense na almofada de nuvem com a leveza das cegonhas brancas — continuei o meu sonho.

Padre Rafael, sorrindo, mas com pena de mim mandou pela *internet* indicada os meus dados.

Se sim — sim. Se não — brincadeira de mau gosto e criminosa pelo abuso de 130 crianças que precisam alimentação roupa e educação.

Tudo realizado com o nosso trabalho e umas fracas migalhas que temos no banco — já no fim do tacho. Se os nossos muito Amigos de Portugal e

antigos malanjinos (quando em 1975 aconteceu o saque da cidade vi as vossas fotografias e dos vossos filhos a esvoaçarem pelos passeios e chorei), se, digo, nos quiserem dar uma ajuda, podem depositar em Portugal no BPI: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato de Malanje. Número: 9-0158273.000.001

* * *

Mais uma visita a Maputo. Na encosta rochosa da nossa Casa a coroar o ninho de telhados vermelhos das habitações e escolas — o jango imponente e acolhedor. Nele falamos com o Senhor. É capela e lareira onde o lume está vivo. Os caminhos sombreados e com sarrisca castanha levam-nos às habitações dos nossos 150 rapazes.

Fiquei impressionado com o alinhamento impecável e limpeza das habitações e escolas. Quando no fim do dia rezávamos o Terço, a lua cheia patinava nas águas tranquilas da lagoa. Belo!

Além da família do Gaiato, a Obra estendeu o acolhimento às populações em volta: creches, pólos de desenvolvimento agrícola e oficial e postos de saúde. Desta acção contínua nasceu a Associação Encontro, independente, mas irmã da Casa do Gaiato.

Senti, com o Padre José Maria, a dor pela falta de água para as regas. Perto da barragem de Umbeluzi é só ajuda de uma conduta. Sabemos que virá. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

As últimas sílabas saíram-lhe já num choro irreprimível. A gente chora. A gente é obrigada a chorar. Ninguém sabe avaliar estas dificuldades. Nunca suportou entalões desta força. Nunca!... O choro brota como única escapatória. Passei-lhe um cheque, endereçado ao senhorio, de 300 euros.

A senhora beijou-me a mão! Os pobres têm rasgos espontâneos de humildade e agradecimento que nos fazem saborear dons celestes! Para o que Deus me guardou! Como é bom ser pobre e servir os pobres! Não há felicidade como a minha!

Logo de seguida, entra no meu escritório um casal de Lisboa. Como eu gosto que os cristãos de Lisboa venham aqui matar sauda-

des da Obra da Rua: Estar e sentir uma Casa do Gaiato.

De tal modo emocionado, não consegui disfarçar a minha perturbação.

A senhora tinha feito anos e pedira aos amigos que só lhe dessem dinheiro para ela distribuir pelos pobres. Muitas não obedeceram e então trouxeram-lhe: «*Perfumes e muitas porcarias*».

Por alto relatava-lhe o sofrimento da pobre que saíra e o valor que lhe tinha posto nas mãos. Os olhos da senhora rebentaram-lhe em fontes de lágrimas. Estendeu-me a mão com um envelope balbuciando com dificuldade: «*É o que lhe trago aqui*».

Sim, também eu senti a presença do Sobrenatural. Não dei nada meu, mas somente o que Deus me trouxe. A nossa fé fortalece-se e

anima-nos. A intervenção divina é notória!

* * *

Veio outra com uma menina de dois anos ao colo.

— *Sou mãe solteira, vivo com uns tios. Eles estão cansados de mim. Devo seis meses de Infantário da minha menina.* — Agarrava a sua filha e apertava-a contra o peito, como o seu maior tesouro. — *Não consigo trabalho. Não posso pagar.*

Dei-lhe quatro mensalidades. São já muitos os infantários que o Património paga.

* * *

Agora é um casal jovem com um menino de dois anos, no meio. Ele

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

há nada melhor do que *vergar a mola*. A secura abundante não impediu as ervas daninhas, que irrompem nas calçadas e nos jardins. O esterco das ovelhas urgia sair da corte para estrumar os campos de batata e milho. É uma tarefa desagradável, reservada para adolescentes posteriores.

Por transgredir, um dos nossos teve de ajudar mais em actividades agropecuárias, para além da necessidade de lavar loiça. Disse isto mesmo a uma Procuradora, que concordou.

Estar próximo dos filhos e dos alunos também implica dizer-lhes, frontalmente, que devem ser responsáveis pelos seus actos e os seus erros têm de ser corrigidos, a tempo e horas.

É importante que o crescimento humano também receba os benefícios da envolvimento com as criaturas, sem ar-condicionado e fora dos centros comerciais, em que muitos jovens se aglomeram.

Não foi num simpósio que aconteceu mais esta peripécia. De canas bravias, dois rapazes lembraram-se de fazer uma cruz e um feitiço de arma. Antes do Terço, teve de se suspender um tirotoe, mas com paus. Resposta pronta e textual: — *Nós só estávamos a brincar!*... Diz-nos S. João Crisóstomo que *a Cruz é a espada contra o pecado, com que Cristo atravessou a serpente*.

Se a cruz dos filhos, às vezes, nos faz cair, não escondamos que na sociedade ocidental há também uma crise demográfica. Bem a sério veio Jesus ao mundo, ferido pela inimizade, e foi levantado na Cruz para sermos amigos de Deus! □

PENSAMENTO

Pai Américo

Todo o progresso que quiser ser verdadeiro tem de ser um regresso ao Evangelho. Nós queremos, na Casa do Gaiato, obreiros do Senhor e servos dos Pequeninos. *Quem não semear comigo desperdiça.* (...) Os semeadores do Evangelho vão. Os terrenos das sementeiras não são deles nem da conta deles: o que importa é semear. □

adoeceu com uma hérnia discal e foi despedido. Recebe a baixa. Ela quando engravidou, foi mandada embora da empresa.

— *Compramos casa há três anos. O meu filho tem sido muito doente. Nunca me imaginei numa situação destas. A nossa casa vai ao ar!*

Afligia-os o Infantário da criança em dívida, há meses.

Estes problemas não podem ficar entregues somente à heroicidade de cristãos exigentes porque, também a eles, apesar da vida apertada que se impõem, falta-lhes meios económicos.

É um crime social ficar-se à espera que as pessoas morram, se matem ou entrem na falcatura e na desmoralização irremediável.

Paguei-lhes a dívida do Infantário e enchamos-lhe os sacos de mercearia, legumes e pão. Mas fiquei profundamente triste e revoltado!

Quem são os responsáveis por tamanha desgraça? Os que sofrem, são inocentes!... □

BENGUELA

Padre Manuel António

FOI um momento lindo! O Porto do Lobito, uma empresa central no desenvolvimento da região e de Angola, fez 84 anos. Nasceu em 1928. O dia 24 de Março foi, também, dia de festa para a nossa Casa do Gaiato. A visita foi anunciada na semana anterior. Ao fim da manhã, um alto responsável, acompanhado pelos seus directos colaboradores, trouxeram lembranças muito queridas e oportunas para a nossa vida no momento presente: sacos de açúcar, de arroz; caixas de massa, de óleo alimentar; sabão, leite em pó e mantas. Que riqueza! Foi uma forma muito familiar de estarmos presentes na celebração da Festa. Aliás, há uma ligação muito próxima desta unidade comercial com a Casa do Gaiato, há vários anos. Alguns dos nossos rapazes, agora já homens, fazem parte do seu grupo de trabalhadores: electricistas, operadores de máquinas, serralheiros, pintores e outros quadros. Quem nos dera chegue, depressa, a hora da entrada de novos elementos. A promessa desta ajuda foi, também, um presente da Festa.

Sem dúvida, a Casa do Gaiato tem outras necessidades muito urgentes. Continuamos sem tractor agrícola para os trabalhos do campo. São gemidos que ainda não foram ouvidos com eficácia. Não temos dinheiro para o comprar. A urgência é tão grande que nos levou a pedir socorro a um amigo. Emprestou-nos o seu tractor. Aguardo a oportunidade de bater a outras portas. Temos esperança. Por isso, partilhamos convosco estas aflições. Entretanto, muitos pais e mães estendem-nos as suas mãos para os ajudarmos a pagar as propinas e outras necessidades dos filhos, na escola. São muito pobres e dependem da Casa do Gaiato. Doutra modo, as crianças ficariam na rua, na baixaza do analfabetismo, pesos mortos na vida da nação. Esta alegria levanta-nos

o ânimo para continuarmos, também, de mãos estendidas, a bater à porta do vosso coração.

Subi ao morro sobranceiro à nossa Casa do Gaiato, com milhares de habitações. Fui ver a casa, onde a mãe vive com seus filhos. Não é uma casa com o mínimo de dignidade. Pediu ajuda para consertar as paredes e o telhado, antes que venha a cair. São muitas as habitações construídas com a miséria e a pobreza extrema. Graças à nossa ajuda, os filhos estão na escola e caminham com segurança. A areia e o cimento estão à disposição. Quem nos dera poder dar a mão a todos os que precisamos com urgência. Por outro lado, as residências dos nossos rapazes, na Casa do Gaiato, continuam à espera da recuperação. São prioridades que dividem o coração. As de fora, fazem sangrar. As de dentro, clamam sem cessar. Queremos fazer o que for possível, enquanto esperamos.

Quando os vossos olhos poisarem nestas Notas, a Festa da Páscoa estará à porta ou já aconteceu. Um dos sinais visíveis da Ressurreição foi a pedra removida do sepulcro do Senhor. Quem nos dera ver as pedras removidas dos sepulcros da miséria e da pobreza extrema de tantos irmãos que vivem ao nosso lado! Quem dera a Festa da Páscoa seja celebrada em verdadeira comunhão com Jesus, o Salvador, ressuscitado em nossos corações, verdadeiramente unidos aos irmãos que mais precisam da nossa ajuda. A expressão da Vida Nova está no Amor, doação do que somos e temos, até ao limite das nossas capacidades. É uma proposta arriscada para a celebração da Páscoa, porque temos medo de sofrer, quando amamos; e temos medo de perder quando damos, por amor. Vamos aceitar esta proposta? Deste modo, a Páscoa será a Festa de toda a família humana, a começar pelos membros que vivem ao nosso lado e todos os que nos estendem as suas mãos com o coração aberto. Votos de Páscoa cheia de Paz e Alegria! □

MALANJE

Padre Rafael

QUANDO se nos avariou o carro, em Luanda, rebocámo-lo até à oficina de uns missionários, que nos garantiram ficaria como novo. A factura que tínhamos de pagar, era de seis mil euros. Depois de pagarmos cinco mil, trouxemo-lo e somente durou quinze dias. Cansados e sem dinheiro, decidimos vendê-lo e, com uma pequena ajuda que nos chegou, pagarmos a entrada para um novo. Agora, temos dois anos para o pagar e, sobretudo, estimá-lo. Esta situação ajudou-nos a ver a generosidade das Irmãs que, durante seis meses, puseram o seu carro à disposição da Casa do Gaiato, como se fosse nosso.

Já trouxemos o tractor da exploração de madeira, com a intenção de preparar as terras para as segundas chuvas. Programámos que passe quinze dias aqui e, depois, regressasse ao seu local de trabalho. Infelizmente, ao trazê-lo, demo-nos conta de que tem o motor de arranque avariado, e já andamos há uma semana a tentar resolver o problema. Mais de 270 famílias, camponesas, têm o olhar posto no bom funcionamento do nosso tractor.

A verdade é que poderíamos seguir assim, um após outro... Mas, desta vez, quero lançar o olhar para Portugal e Espanha, onde a crise está destruindo tantas famílias trabalhadoras. Imagino aquelas famílias que quando as coisas iam bem já sofriam, como estarão a passar agora... É urgente reactivar todos os laços de solidariedade entre as famílias, os amigos, os vizinhos... Ouvimos relatos de que são centos de famílias as que estão regressando a Angola em busca de trabalho; e outras, que daqui saíram no tempo da independência, regressam também pelo mesmo motivo.

Já saiu o Edital geral onde se marcaram os trabalhos de cada Rapaz. Este ano, como os mais pequenos têm escola de manhã, são os maiores que tratam da limpeza. Por outro lado, durante a manhã serão quatro horas de trabalho e de tarde duas, porque são os mais pequenos.

O tio Manuel «Barrigas» já começou a preparar a horta perto da lagoa. Preparou viveiros de tomate para quase toda a Malanje. Tio Catete, continua com a serralharia tentando dinamizá-la com trabalhos para fora. Este será um ano de muito esforço por parte da Comunidade, no que se refere ao trabalho para sustentar a Casa.

Por estes dias, encontrei alguns rapazes que regressavam a Casa muito tarde e outros que dormiam por lá sem autorização. Para tentar acabar com este vício, que já vem de longe, decidimos castigar com três meses de suspensão todo aquele que durma fora sem ordem, e com a saída definitiva da nossa Casa todo o reincidente na mesma acção.

Eram cerca das três da manhã quando a chuva me acordou e não consegui voltar a adormecer. Saí para o terraço a contemplar a chegada das primeiras chuvas deste ano. Normalmente, temos seis meses de chuva e seis meses de seca. Se continuar assim, teremos três meses de chuva. Mais dois meses que Luanda, onde não chove desde Maio.

Durante estes dias, muito dos trabalhadores não vieram trabalhar por não termos transporte. O mini-autocarro está a mudar o disco de embraiagem e o outro, que tínhamos de reserva, continua sem motor.

Temos gerido o carro que comprámos, a crédito, e que Padre Telmo baptizou com o nome de «Carolina».

Ontem, distribuimos os livros escolares e pusémos o nome de cada rapaz, para que os tragam em bom estado de conservação. De manhã, os «Batatinhas» vêm buscar os livros e o material escolar que necessitam para esse dia, e de tarde vêm guardar tudo no escritório. Muitos dos livros já tinham nome, melhor dito os apelidos: «Tem-bicha», «Demónio», Toni, «Galinha», «Sapito»... Parece que este ano quase todos vão ter manuais, excepto os da sexta-classe, que apenas receberam dois, pois a delegação da educação diz que não chegaram de Luanda os manuais de Português, embora o nosso professor de Línguas o tenha comprado na trilha, por 20 euros. Pergunto-me, quanto material escolar, que deveria ser para as crianças, é desviado para os mercados...

Há dias, chegaram-nos notícias das dificuldades que está a viver a Casa do Gaiato de Moçambique. Porque, como escreve um amigo meu: «Se quando estamos bem, começamos a gastar demais... nem quero imaginar agora que estamos em crise». Na verdade, começámos a reduzir o número de trabalhadores, os salários, as ajudas à escola, os transportes... Ampliamos o horário de trabalho dos mais velhos e marcámos um mínimo de produtividade. Tudo para que possamos ter uma economia sustentável, porque com as ajudas não conseguimos cobrir uma terceira parte dos gastos. Quanto gostaríamos de poder ajudar a nossa Casa de Moçambique...

Apesar de tudo, esta noite alegre-nos com a chuva e tenho a certeza que, de manhã, muitos camponeses virão, muito cedo, dizer-me que tenho de preparar algumas machambas para plantar mandioca. Já são cinco e meia da madrugada e vou descansar um pouco, enquanto a chuva me recorda que de manhã começará mais um dia. □

REEDIÇÃO DO LIVRO «OBRA DA RUA»

O livro que apresentamos, em 5.ª edição, aos nossos Amigos e Leitores é, no dizer de Pai Américo: «a voz de um coração que vive e que sente a vida e a sorte das chusmas infantis, a vender jornais nas ruas, a tirar lixo das latas, a guiar cegos nas feiras, a ir pela sopa aos quartéis; e, sobretudo, os dados à moínice, viciados, pervertidos pela família e pela sociedade, a chupar pontas de cigarros — o prólogo dos grandes crimes. Eles, património da Nação, os predilectos de Jesus, que se morressem naquela idade, iriam vestidos de branco com sinos a repicar.

É a gratidão estuante de quem se não cansa de dizer bem dos Homens-bons do País aonde tem chegado a fama e o nome da Obra da Rua...»

Pode ser adquirido por pedido à nossa Editorial: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa; pelo telefone 255752285; pelo e-mail obradarua@iol.pt; através do nosso site www.obradarua.org.pt.



SETÚBAL

Padre Acílio

Alegria

Enche-me a alma ouvir os Rapazes a cantar! Não é o canto do coro, muito jovial e expressivo que os Rapazes ensaiam e executam em várias celebrações da vida, é a toada espontânea que lhes sai do coração, enquanto trabalham.

Ontem, rezava Vésperas no refeitório, depois do jantar. Recolhido, saboreava a palavra de Deus em poesia, nos seus próprios louvores; e os Rapazes cantavam, na copa, enquanto acabavam a limpeza, após o lavar da loiça. Uma melodia suavíssima que, sem me distrair, me elevava, a ponto de confundir o sentimento: — se era a minha oração, se o canto dos Rapazes, a origem da minha felicidade. Talvez os

dois, porque tanto uma como outro, eram fruto e flor da acção divina.

Nada melhor para definir uma Casa do Gaiato do que escutar a espontaneidade feliz e descontraída dos próprios Rapazes, nas suas ocupações.

Música

A Sociedade Humanitária de Palmela, continua a apoiar-nos no desbravar da linguagem musical.

Os mais pequenos, os menos dotados e os mais preguiçosos, emperraram no exercício 18. O autor do livro quer, numa só unidade, recapitular todos os números anteriores, desde o primeiro ao dezassete. Passar o número 18 é transportar «O Cabo das Tormentas».

Quem o souber bem, está apto a seguir em frente.

Ontem, foi o senhor professor José Manuel quem aguentou o «barco» toda a manhã, com um intervalo. Hoje, é o Zé Columbano, que vai já no 53 e tem capacidade para dominar a meia dúzia deles e lhes exigir trabalho e saber.

O Gabriel veio-se embora com a desculpa que não tinha folha e o Columbano mandara-o embora.

Para não estragar os solfejos, fazemos fotocópias e damos folhas aos Rapazes.

Tirei-lhe uma cópia e mandei-o para o seu grupo. O Zé apercebeu-se e veio logo repor a verdade: — Olhe que ele não quer estudar. Tinha a folha, mas só brincava.

É assim numa Casa do Gaiato: os Rapazes aprendem uns com os outros, tomam conta, denunciam e corrigem os irmãos. O Gabriel teve de ir estudar até saber. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98
BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 998
Reg. D. G. C. S. 100398
Depósito Legal 1239